

# CINEMA ANTROPOMÓRFICO

---

**Luchino Visconti**

O que me levou a uma atividade criativa no cinema? (atividade criativa: obra de um homem que vive em meio aos homens. Com esse termo fique claro que está longe de mim dar a entender que seja alguma coisa que se refira somente ao domínio do artista. Todo trabalhador, ao viver, cria: desde que ele possa viver. Isto é, desde que as condições do seu dia sejam livres e abertas, tanto para o artista como para o artesão e o operário).

Não é o chamado prepotente de uma pretensa vocação, conceito romântico distante da nossa realidade atual, termo abstrato, criado por comodidade dos artistas para contrapor o privilégio da própria atividade à dos outros homens. Uma vez que a vocação não existe, mas existe a consciência da própria experiência, o desenvolvimento dialético da vida de um homem em contato com outros homens, penso que só através de uma experiência sofrida, cotidianamente estimulada por um objetivo e afetuoso exame dos casos humanos, se possa chegar à especialização.

Mas atingi-la não quer dizer fechar-se dentro dela, rompendo todo laço social concreto, como acontece a muitos artistas, a ponto de a especialização acabar frequentemente por se prestar a evasões culposas da realidade e, em palavras mais cruas, acabar por transformar-se em uma abstenção vil.

Não quero dizer que cada trabalho não seja um trabalho especial e, em um certo sentido, "ofício". Mas será válido apenas se for o produto de múltiplos testemunhos de vida, se for uma manifestação de vida.

---

Publicado no nº 173-174 da revista *Cinema*, de 25 de outubro de 1943. Este texto já foi publicado no Catálogo da Mostra Esplendor de Visconti, organizado por CALHEIROS, Alex et alii. São Paulo. Centro Cultural São Paulo e CINUSP Paulo Emilio. 2002. Trad. Alex Calheiros e Pedro Heise. Rev. tec. Mariarosaria Fabris.

O cinema atraiu-me porque nele confluem e se coordenam impulsos e exigências de muitos, voltados para um trabalho de conjunto melhor. É claro o quanto a partir disso a responsabilidade humana do diretor se torna extraordinariamente intensa, mas, contanto que ele não seja corrompido por uma visão decadentista do mundo, logo por ela será levado para um caminho mais justo.

Levou-me ao cinema sobretudo o empenho de narrar histórias de homens vivos: de homens vivos entre as coisas, não as coisas em si.

O cinema que me interessa é um cinema antropológico.

De todas as tarefas que me cabem como diretor, a que mais me apaixona é o trabalho com os atores; material humano com o qual se constroem esses homens novos, que, chamados a vivê-la, geram uma nova realidade, a realidade da arte. Porque o ator é antes de tudo um homem. Possui qualidades humanas chave. Nisto procuro basear-me, graduando-as na construção do personagem, a ponto de o homem-ator e o homem-personagem chegarem a ser, a uma certa altura, um só.

Até hoje o cinema italiano, ao contrário, deixou-se subjugar pelos atores, deixando-os livres para aumentar os seus vícios e suas vaidades, enquanto o verdadeiro problema é aquele de servir-se daquilo que de concreto e de imaginário conservam na sua natureza.

Por isso importa até um certo ponto que atores chamados profissionais apresentem-se ao diretor deformados por uma mais ou menos longa experiência pessoal que os define em fórmulas esquemáticas, resultantes geralmente mais de sobreposições artificiosas que de sua íntima humanidade. Embora muito frequentemente seja uma árdua tarefa aquela de encontrar o núcleo de uma personalidade adulterada, é uma tarefa que todavia vale a pena realizar: exatamente porque no fundo existe sempre uma criatura humana, que pode ser libertada e reeducada.



Abstraindo com violência os esquemas precedentes, toda lembrança de método e de escola, procure-se levar o ator a falar finalmente uma sua língua instintiva. Compreende-se que a tarefa não será estéril, só se esta língua existir mesmo involuntária e escondida sob mil véus: quer dizer, se existir um verdadeiro “temperamento”. Não excludo, naturalmente, que um “grande ator” no sentido da técnica e da experiência, possua tais qualidades primitivas. Mas quero dizer que constantemente atores menos ilustres no mercado, mas nem por isso menos dignos de chamar nossa atenção as possuem em igual medida. Para não dizer dos não-atores que, além de trazerem a contribuição fascinante da simplicidade, na maioria das vezes têm qualidades mais autênticas e mais sadias, até porque, como produtos de ambientes não comprometidos, são frequentemente homens melhores. O importante é descobri-las e enfocá-las. Eis onde é necessário que intervenha aquela capacidade rbdomântica do diretor, tanto em um quanto em outro caso.

A experiência me ensinou sobretudo que o peso do ser humano, a sua presença, é a “única coisa” que verdadeiramente preenche o fotograma; que o ambiente é criado pela sua presença viva e que, a partir das paixões que o agitam, isto adquire verdade e relevo, ao passo que até mesmo a sua momentânea ausência do retângulo luminoso reconduzirá cada coisa a um aspecto de natureza não animada.

O mais humilde gesto do homem, o seu andar, as suas hesitações e os seus impulsos sozinhos geram poesia e vibrações nas coisas que o circundam e nas quais se enquadram. Toda solução diferente do problema me parecerá sempre um atentado à realidade como essa se desenrola diante dos nossos olhos: feita pelos homens e por eles modificada continuamente.

O discurso está apenas esboçado: nenhum diretor que conseguiu testar as próprias ideias e intenções em um único filme pode estar apto a dizer uma palavra definitiva.

Mas, acentuando o meu comportamento sincero, quero concluir dizendo (como sempre amo repetir a mim mesmo): poderia fazer um filme em frente a um muro se soubesse encontrar os dados da verdadeira humanidade dos homens colocados diante do elemento cenográfico nu; encontrá-los e narrá-los.

---

VISCONTI, Luchino. “O cinema antropomórfico”. *Negativo*, Brasília, v.1, N.1, 2013.

